

**Oochigeasw**  
**Uma “Cinderela” algonquin**  
**(conto das Primeiras Nações da América do Norte)**

**Introdução**

*Talvez tenha parecido estranha a indicação da origem dessa história - conto das Primeiras Nações da América do Norte. O termo Primeiras Nações foi proposto pelos próprios grupos indígenas do Canadá, que assim se autodenominaram a partir dos últimos vinte anos do século XX, designação que se estendeu depois para os povos dos Estados Unidos. Foi uma conquista importante desses povos porque, ao serem chamados de primeiras nações a ocuparem aqueles territórios, lhes foi assegurado um lugar histórico de precedências e importância com relação à civilização branca.*

*O povo algonquin estendeu-se pela costa oeste da América do Norte, que vai de Vancouver, no Canadá, até a Califórnia, nos Estados Unidos, reunindo diversos grupos que falavam a mesma língua.*

*A história de Cinderela é contada de modos diversos, em várias partes do mundo. Para nossa imaginação ocidental contemporânea, fica difícil dissociá-la da versão cinematográfica de Walt Disney, com aquela carruagem em forma de abóbora, as fadinhas gordinhas, os ratinhos etc. Quero contar uma outra história da Cinderela que encontrei num livro chamado “Contos do mundo” [World tales], de Idres Shan. Nesse livro fiquei sabendo que uma pesquisadora inglesa recolheu 345 versões dessa história e que, com certeza, existem ainda muitas outras, entre elas uma vietnamita, uma chinesa e uma celta. Esta “Cinderela” algonquin é especialmente encantadora.*

## Conto

A tribo Mic Mac, que fazia parte do grande grupo dos índios algonquins orientais, vivia numa aldeia à beira de um lago profundo. Nessa aldeia havia um homem viúvo com suas três filhas. A mais velha era vaidosa e impaciente; a segunda, preguiçosa e rabugenta; e a terceira era humilde e de bom coração. Ela era pequena e quase sempre estava doente. Mas isso não parecia impedir que as irmãs, principalmente a mais velha, a maltratassem o tempo todo. Elas a obrigavam a fazer os serviços pesados e a cuidar constantemente do fogo dentro da tenda. Muitas vezes a mais velha queimava suas mãos e pés com cinzas muito quentes, e ela ficou com tantas cicatrizes no rosto e no corpo que foi chamada de Oochigeaskw, “a menina do rosto marcado”.

Quando o pai voltava do trabalho e via a filha naquele estado, toda queimada, ele perguntava o que havia acontecido. Era a mais velha que respondia:

– Meu pai, ela não obedece às minhas ordens. Faz as coisas de modo tão estabanado que acaba caindo dentro do fogo, por simples falta de atenção.

O pai acreditava, Oochigeaskw não dizia nada e tudo continuava como sempre: as irmãs seguiam tratando a pobre jovem com grande crueldade.

Bem na fronteira dessa aldeia havia uma tenda um pouco afastada das outras. Nela viviam dois irmãos, um rapaz e uma moça, que não chamariam a atenção se não fosse por um detalhe muito especial: o irmão era invisível aos olhos de toda gente, menos aos olhos da irmã, que cuidava dele. Mas todos naquele lugar sabiam que se um dia uma jovem fosse capaz de vê-lo, ela se casaria com ele. Uma grande curiosidade levava as jovens da aldeia ao encontro do ser misterioso, e havia uma prova a que todas se submetiam de bom grado, para tentarem a sorte e quem sabe realizarem o sonho quase impossível de se casarem com ele.

Era assim que a prova acontecia: no final da tarde, todos os dias, o ser invisível costumava voltar para casa. A jovem que quisesse se candidatar a enxergá-lo ia ao encontro da irmã dele, que a esperava à beira do lago quando o dia terminava. As duas passeavam pela margem do lago conversando coisas **triviais** até que num momento, quando a irmã via seu irmão entrando na aldeia, ela parava, olhando na sua direção, e dizia para a jovem que a acompanhava:

– Você está vendo meu irmão vindo ao meu encontro?

A maioria das jovens respondia imediatamente que sim. Só algumas, bem poucas, tinham a coragem de dizer a verdade, que não estavam vendo nada. Não se

sabe se as que respondiam que sim estavam mentindo de propósito ou se estavam tão ansiosas para vê-lo que de fato acreditavam no que estavam dizendo. De qualquer modo, quando ouvia uma resposta afirmativa, a irmã continuava com a prova:

– Então, já que pode enxergá-lo, diga-me do que é feita a **correia** que está presa no seu ombro, ou então me diga com que ele puxa seu trenó.

Como não podiam saber, as jovens tentavam adivinhar, arriscando uma resposta qualquer. Quem sabe daria certo?

– É uma faixa de couro cru que ele traz no ombro – elas inventavam.

– Seu trenó é puxado por um galho de árvore, bem verde e flexível – inventavam algumas.

A irmã sempre percebia que a jovem não tinha falado a verdade, mas não fazia nenhum comentário e a convidava para acompanhá-la até a tenda onde morava com seu irmão.

Assim que entravam, ela mostrava um certo lugar dizendo que a jovem não poderia sentar-se ali de jeito nenhum, porque era o lugar que pertencia ao ser invisível. Depois, elas preparavam juntas a comida e se dirigiam para o local da refeição. A jovem visitante ficava com os olhos arregalados, cheia de curiosidade, afinal ela sabia que o ser invisível estava ali, bem perto, pois ele chegava tirava seus **mocassins**, que ficavam imediatamente visíveis. A jovem percebia que a irmã os pegava do chão e os pendurava na parede da tenda. Enquanto comiam em silêncio, a irmã servia o irmão, que sem dúvida estava ao seu lado porque a comida ia desaparecendo pouco a pouco. Por mais que se esforçasse, a pobre jovem não distinguia nem sequer um vulto, nada. Finalmente, quando ela via a irmã inclinando-se diante do vazio, desejando boa-noite ao irmão, ela se despedia tristemente e voltava para casa. Uma a uma, todas as jovens chegavam em suas tendas de cabeça baixa, em geral não comentavam nada e depois de algum tempo se esqueciam do acontecido.

Certo dia, as duas irmãs mais velhas de Oochigeaskw resolveram ir juntas até a beira do lago, para tentar ver o ser invisível. Não quiseram que a caçula fosse com elas e lhe deram serviço dobrado para fazer enquanto estivessem fora. Não paravam de falar nem um minuto durante o tempo em que se enfeitavam, exageradamente, com tudo que tinham de mais bonito. Elas combinaram que não iam desistir por nada neste mundo e que, se uma não acertasse, a outra daria uma resposta diferente, fosse o que fosse. E, além disso, cada uma delas tinha a esperança secreta de que, mesmo que não o vissem, o ser invisível se deixaria seduzir pela beleza delas. Pensavam que, sem poder resistir, ele se revelaria, espontaneamente, apaixonado.

Assim elas sonhavam pelo caminho, mas na realidade não foi nada disso que aconteceu. As respostas que deram foram as mesmas das outras moças – uma tira de couro cru, um ramo verde e flexível –, elas nem conseguiram inventar umas coisas diferentes, tamanha era sua ansiedade. E, por fim, voltaram à noite para a casa sem ter conseguido nada, tal como as outras.

No dia seguinte o pai delas chegou do trabalho com uma porção de conchinhas muito bonitas, e as irmãs mais velhas pegaram todas para elas. Enquanto isso, Oochigeaskw pediu ao seu pai que lhe desse um par velho de mocassins e os colocou de molho na água, para que ficassem mais macios e ela pudesse calçá-los. Ela tinha decidido ir à beira do lago no dia seguinte, tentar a sorte, e precisava preparar-se.

Sempre andara descalça e suas roupas eram esfarrapadas e velhas. Não podia ir ao encontro do ser invisível daquele jeito. Ela saiu da tenda e foi até a floresta. Andou e andou até encontrar uma árvore de bétula, arrancou algumas lascas de sua casca e com elas fez um vestido. Chegando em casa pediu que as irmãs lhe dessem umas conchinhas. A mais velha não quis dar e ainda brigou com ela, mas a segunda ficou com pena e lhe ofereceu algumas conchinhas, que a jovem usou para enfeitar o estranho vestido, segundo o estilo aprendido com seus ancestrais.

Quando achou que estava na hora, ela calçou os velhos mocassins do pai, vestiu a roupa que tinha feito e saiu, acompanhada pelos gritos das irmãs, que queriam impedi-la de ir.

– Mas isso não tem nenhum cabimento – elas **vociferavam** – Nós, que tínhamos todas as condições para vencer, voltamos de mãos abanando. Como você ousa achar que vai ter mais sorte do que nós? Ridícula assim como está, nem vai ser recebida pela irmã dele.

De fato, a pobre Oochigeaskw parecia quase uma assombração andando na direção do lago. A enorme roupa que a envolvia, o rosto cheio de cicatrizes, os mocassins muito maiores que seus pés lhe davam uma aparência terrivelmente feia.

Mas parece que a irmã do ser invisível não se importou nem um pouco com isso, porque a recebeu com um sorriso muito amável. É que ela enxergava por dentro da aparência das coisas, muito além do que viam as pessoas comuns. Juntas foram caminhando à beira do lago, que naquele momento refletia o céu como um espelho cristalino.

- Você pode ver meu irmão chegando? – ela perguntou bem baixinho.
- Posso, e ele é deslumbrante – respondeu Oochigeaskw.
- Pode me dizer do que é feita a corda do seu trenó?
- Do arco-íris.
- E a corda do seu arco?

– São as estrelas da Via Láctea, o espírito do caminho – **murmurou** a jovem, completamente maravilhada.

– Eu sabia desde o início que você veria – disse a irmã muito feliz. – Vamos para casa esperá-lo.

Assim que entraram na tenda, a irmã preparou um banho com raízes perfumadas para Oochigeaskw. Enquanto jogava água morna sobre seu corpo com uma **cuia**, as cicatrizes iam desaparecendo, e seu cabelo crescia devagar e ficava brilhante como a cauda de um pássaro negro. A irmã penteou-a, enfeitando-lhe o cabelo com pequenas contas coloridas. Seu rosto era tão macio quanto uma pétala de flor, seus olhos brilhavam como duas estrelas. A irmã foi até um canto da tenda, onde guardava o que tinha de mais precioso e trouxe um belo vestido de casamento, bordado com conchinhas dispostas em desenhos como faziam os antepassados. Quando Oochigeaskw o vestiu, a irmã olhou-a por um momento em silêncio e depois riu, satisfeita. Nunca naquela aldeia havia existido uma jovem tão ela.

Ela mostrou-lhe o lugar onde iriam comer e disse-lhe que ela deveria se sentar ao lado do ser invisível, no lugar reservado para aquela que se tornaria sua mulher.

Quando o irmão entrou na tenda, espantosamente belo, tirou seus mocassins e, olhando a jovem que esperava por ele, disse:

– Nós já não nos vimos antes?

– Hoje mesmo no final da tarde – ela respondeu com os olhos brilhantes.

Desse dia em diante Oochigeaskw, a jovem do rosto marcado, ficou para sempre na memória daquele povo como a mulher do ser invisível, aquela que soube ver.